



BIBLIOTECAS  
DE LISBOA

***ECHO PHOTOGRAPHICO: JORNAL DE PROPAGANDA PHOTOGRAPHICA (depois, JORNAL MENSAL DE SPORT PHOTOGRAPHICO).***<sup>1</sup> Começou a publicar-se em Junho de 1906, em Lisboa, sucedendo-se ao *Boletim Photographico* (1900-1903 e 1905-1906). Teve, como editor, José Nicolau Pombo; como director, J. Soares de Andrade e, como secretário da redacção, Américo Afonso dos Santos. Na Hemeroteca Digital, disponibilizam-se quatro anos, do n.º 1 (Jun. 1906) ao n.º 45 (1909), tendo sido publicado até meados de 1913. Um *Suplemento* gratuito de “novidades photographicas” em 10 números (n.º 1 em Dez. 1908) também foi editado em simultâneo. No final do 4.º ano, anuncia-se que a direcção técnica seria assumida pelo publicista e fotógrafo amador Salvador Manoel Brum do Canto (1885-1918), já colaborador do periódico. A redacção e a administração eram localizadas na Agência Photographica, a empresa detentora da propriedade deste periódico (Rua Áurea, 265 – 1.º, em Lisboa). Este era inicialmente composto e impresso na Tipografia Bayard (Rua Arco do Bandeira, 106-119, em Lisboa), depois surgindo a Tipografia Adolpho de Mendonça (Rua do Corpo Santo, 46-48, em Lisboa) e a Imprensa Africana (Rua de São Julião, 58, em Lisboa). As assinaturas tinham o preço de 700 réis para Portugal e 1\$000 réis para o estrangeiro e cada número avulso a 60 réis. Os preços dos anúncios dependiam da sua dimensão. O grafismo é cuidado, tendo sido melhorado: a partir do n.º 25, passou a utilizar papel *couché*; e, a partir do n.º 49, diminuiu as suas dimensões.

## CONTEXTO HISTÓRICO

A novidade da fotografia no mundo já era conhecida, em Portugal, desde 1839, quando a revista portuguesa *Panorama* (16 de Fevereiro de 1839) deu conta da inovação oficialmente apresentada em Paris, em Janeiro desse ano, denominada *daguerreótipo*, inventada por Louis Daguerre (1787-1851) e Joseph Niépce (1765-1833). A Europa teria um desenvolvimento científico e tecnológico relevante, de que a fotografia beneficiou para triunfar, face aos avanços técnicos europeus, depressa implantando-se nos Estados Unidos da América e granjeando a curiosidade em Portugal.

As propagandas de equipamento fotográfico eram realizadas desde o final do século XIX, com particular destaque para a Kodak (1888), empresa que estabeleceria um modelo de comércio para a fotografia amadora que se tornaria padrão durante o século XX. A fotografia popularizou-se como produto de consumo.

Quando surge o *Echo Photographico*, a imprensa portuguesa já contava com imagens impressas, como elementos fundamentais de ilustração das notícias.

---

<sup>1</sup> Disponível em:

<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/EchoPhotographico/EchoPhotographico.htm>.

Neste contexto, é sobretudo relevante o papel de duas publicações: a *Ilustração Portuguesa* que, na sua 2.<sup>a</sup> série, publicada a partir de 1906, expande a edição fotográfica, em detrimento da gravura, e servindo inclusivamente a imagem fotográfica para o exercício do ornamento desenhado, que a contorna e lhe dá moldura artística; e o *Diário de Notícias* que, a partir de 1907, passa a apresentar fotografias de reportagem.

Nesta época, já a fotografia era extensamente utilizada: na circulação dos postais ilustrados em Portugal, no retrato fotográfico para facilitar a identificação pessoal e a investigação criminal e, também, nos cemitérios portugueses.

## **NATUREZA, PROGRAMA E PÚBLICO**

O *Echo Photographico* nasce como revista técnica especializada, destinada a um público de fotógrafos profissionais e amadores, denotando-se uma especial atenção a estes últimos.

As capas são desde logo significativas: uma jovem senhora de perfil, empunhando uma máquina fotográfica em ambiente supostamente campestre, desenhada pela pena de Marques, abre os números dos dois primeiros anos deste periódico dedicado à arte fotográfica. Estávamos em meados do ano de 1906, e os objetivos dos promotores eram desenvolver o gosto pela fotografia e provocar a troca de opiniões acerca do tema.

Na apresentação, os responsáveis pela redação esclarecem que, depois de instados a criar um jornal fotográfico, “que simultaneamente reunisse em si a *barateza, utilidade e instrução*”, conseguiram-no, para informar sobre as descobertas e progressos internacionais na técnica e arte fotográfica, bem como para dar conselhos a quem quisesse progredir em fotografia. Abrem a possibilidade de colaboração generalizada a todos os assinantes, para além dos redactores permanentes. A empreitada jornalística a que se propunham tinha por fim “o engrandecimento da arte photographica e a propaganda dos seus complexos e deleitosos elementos – tão difusos e tão subtis, mas sempre curiosos e interessados – aliando o útil ao agradável, conjugando o scientifico com o recreativo, de maneira a tornar suave e attrahente o ramo de ‘sport’ mais popular da actualidade: a photographia”.

No final do primeiro ano de edições, a redação louva nunca ter faltado ao prometido, em termos dos seus objectivos iniciais, adiantando ser possível melhorar, através da sua parte material. O incentivo aos assinantes, para colaborarem, sempre foi um princípio da relação que se estabeleceu entre redação e leitor. Tanto assim foi que, no fim do 4.<sup>o</sup> ano de existência, convidam-se os assinantes a acompanhar a redação, “luctando contra a inqualificável falta de protecção para com as revistas d’arte portuguesas, para podermos caminhar n’um paiz onde o analfabetismo impera, precisamos do apoio de todos os amadores photographicos portuguezes e da protecção de todos os assignantes que nos teem acompanhado durante os quatro anos decorridos, verdadeiros beneméritos n’um paiz em que tudo está atrasado.”

A redação dá conta das dificuldades financeiras do periódico, dado que nem todos os assinantes cumpriam, no prazo, o pagamento das assinaturas. Este será um problema recorrente até ao fim inesperado da sua publicação (1913).

## COLABORADORES E CONTEÚDOS

Os nomes de J. Soares de Andrade e de Salvador Manoel Brum do Canto tiveram, para além do estatuto de direção, um papel central no pensamento e na redação da revista que, a partir do Ano II, contou com a colaboração artística permanente de J. S. Moser e de B. dos Santos Leitão, designadamente este último seria o introdutor da fotografia a cores em Portugal e o principal promotor da revista que se seguiria ao *Echo Photographico: a Arte Photographica* (1915-1918 e 1928-1931). Para além daqueles nomes, assinale-se os de A. Perestelo, B. Rodrigues, Eduardo Braga, Henrique de Miranda, J. Ferreira da Silva, Júlio Barradas Mergulhão e Pedro Viegas F. Lima. Os concursos lançados pelo periódico permitiam que muitos amadores colaborassem, enviando as suas fotos, sendo este um aspecto essencial de relação estreita entre os mais próximos colaboradores e o cidadão apaixonado pela arte fotográfica.

Esta era dada a conhecer, desde o primeiro número, pela sua terminologia específica e em grande número, a qual preenchia os títulos dos artigos e os anúncios – papel negativo, ácido pirogálico, platinotipia, chapas, revelador e enfraquecedor para papéis, rolhas parafinadas, propulsor metálico, níveis para câmaras, pera automática, azulejos fotográficos, processos autocrómicos, sistema de marcação de diafragma, entre muitos outros.

Essa espécie de pedagogia, já referida atrás, é particularmente dada em secções especiais: “ABC do Photographo Amador” e “Operações photographicas do principiante”. No “ABC do photographo amador”, dão-se a conhecer factos históricos, bem como alguns nomes consagrados em fotografia e artigos internacionais, tendo em vista um sentido pedagógico junto dos seus leitores.

Um dos primeiros temas do *Echo Photographico* era o da escolha da melhor máquina fotográfica – “Como a primeira coisa que um amador adquire é a machina, começaremos pois por ella.” Sustenta-se que muitos eram os sistemas e variados os feitios das centenas de aparelhos que, dia a dia, invadiam o mercado, designadamente: máquinas de tripé, máquinas mistas e máquinas de mão. O formato era essencial – “Os referidos constructores, querendo acompanhar a moda, que parece apaixonar-se cada vez mais por aparelhos minúsculos, construiu o Kiblitz, do formato 6 ½ x 9, mas obedecendo em tudo ao esplendido systema da Nette [“uma machina, que sem o menor rebuço, recomendamos como a melhor máquina existente”].”

Aliás, essa preocupação de atender a quem quisesse aprofundar o conhecimento foi permanente neste periódico, que reservou uma secção destinada a responder, gratuitamente, “a toda e qualquer pergunta ou consulta sobre photographia”; são dedicadas secções destinadas a publicar os avanços técnicos da arte fotográfica – “Curiosidades, Conselhos e Formula” e

“Conselhos e Receitas” –, bem como destinadas a definir conceitos – “Bibliographia”, “Diccionario Photographico” –, ou para ajudar a conseguir resultados estéticos melhores – “Meios d’Arte”, “A Arte em Photographia” (assinada Noel) –, dado que, neste caso, defendia-se que o fotógrafo devia aproximar-se do desenhista e do pintor e melhorar o seu desempenho através do olhar, mas também de novos equipamentos e suportes fotográficos, designadamente os chamados “papeis estheticos” e os formatos inovadores e imprevisíveis. Apenas assim a arte fotográfica atingiria um estatuto artístico.

Os assinantes tinham regalias, como, entre outras, poder concorrer aos concursos e às exposições promovidos por este periódico, receber catálogos das casas estrangeiras representadas em Portugal pela empresa, obter permissão de entrada nos recintos vedados ao público onde existissem preciosidades artísticas dignas de registo fotográfico, consultoria nas compras de material fotográfico e o direito a anúncios gratuitos.

A redacção tinha permanentemente aberto um concurso de fotografia, para o qual podiam ser enviadas provas de todos os formatos e de todas as máquinas. Nos dias 15 de cada mês, era constituído um júri, composto de três especialistas, para se escolher uma ou duas fotos para publicação no número seguinte, onde são de notar, como predominantes, as paisagens marinhas, como foi sugerido a dado momento, tal como foram os temas do “pôr-do-sol”, de “flores” e “temas bucólicos”, por certo numa atitude curiosa de aconselhar a criação à volta de imagens que reforçam essa ligação à Arte, na sua totalidade pictórica a partir da natureza.

Uma “Galeria de Amadores Contemporâneos” dá a conhecer os artistas cultores da arte fotográfica – “O verdadeiro amador é o que estuda e está ao corrente dos progressos da photographia”. E, quanto ao *Suplemento*, a redacção é bem clara no seu propósito: “A leitura das ‘Novidades Photographicas’ deve ser uma obrigação de todo o amador enragé”. Tanto assim foi que a revista também era atenta ao que se passava no estrangeiro, até criando uma secção denominada “Revista das Revistas”.

## **ANUNCIANTES**

Muitos são os anúncios respeitantes a artigos fotográficos mas, logo no seu primeiro número, avisa os leitores de que a Agência Photographica “não vende artigo de espécie alguma, sendo portanto os conselhos do presente jornal que edita, [sic] insuspeitos, quando recomende este ou aquele artigo, esta ou aquela casa”, adiantando que nunca os recomendaria sem reconhecer, previamente, as suas qualidades – “Queremos, com o nosso conselho desinteressado, pôr o amador a salvo de reclamos pomposos com preços de... estontear!”. Anunciam-se, de um número para o outro, as “novidades sensacionais”, desde os anúncios de máquinas tipográficas às máquinas de precisão fotográfica. Com destaque, surgia a casa J. J. Ribeiro & C.<sup>a</sup> (Rua Áurea, 222-226, em Lisboa), como “o mais antigo estabelecimento de artigos e aparelhos photographicos da capital. Também havia uma secção de “machinas de ocasião”, com anúncios de vendas, permutas, compras e empregos.

Mas à parte os objectos directa ou indirectamente relacionados com a fotografia, a Lombadas era a “rainha das águas de mesa” e, também, uma das presenças nas páginas comerciais deste periódico – a água recomendada nas moléstias do aparelho digestivo. Resta saber se também para os olhos, tão importantes para captar o instante fotográfico, intemporalmente, apesar de, entretanto, quase tudo ter mudado, quando hoje os conceitos, as tecnologias e os progressos dão à fotografia um enquadramento certamente inimaginável aos seus cultores do início do século XX.

Fonte: *Echo Photographico: jornal de propaganda photographica* (1906-1909). Lisboa

Por Jorge Mangorrinha

Lisboa, Hemeroteca Municipal, Dezembro de 2014